

DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

(Texto Original de Santiago Bovisio)

ÍNDICE

1. HIDROCHOSA.....	3
2. TABERNÁCULO SECRETO.....	4
3. A LABAREDA.....	5
4. EXAME RETROSPECTIVO.....	7
5. RESERVA DE ENERGIAS	8
6. MÉTODO DE VIDA.....	10
7. ASSISTÊNCIA E TRABALHO	11
8. A RENÚNCIA.....	13
9. CORAGEM E CONTROLE PESSOAL.....	15
10. O EXERCÍCIO DA MEMÓRIA	18
11. O AMOR REAL	21
12. OS DOZE RAIOS DO AMOR	21
13. A PERSEVERANÇA.....	24
14. CONSCIÊNCIA E VONTADE	26
15. O DOM DO ESQUECIMENTO.....	28
16. A TRANSMUTAÇÃO	29

HIDROCHOSA

Primeira Ensino

Ideias e obras novas se preparam para o mundo. Se a raça do signo cristão de Peixes desenvolveu em alto grau os estados de coletividade, os grandes movimentos e organizações em massa, a sexta sub-raça desenvolverá, de um modo especial, a egoência do ser.

Começará por ampliar o sentimento de egoísmo, porém um egoísmo superpessoal; far-se-á familiar o conceito de que a humanidade já não progride pela dádiva que possa receber e os novos tipos humanos proporcionar-se-ão a felicidade por seus próprios meios.

Elevar-se-á então um conceito aristocrático do ser até a mais alta expressão da individualidade.

Por isso, um estremecimento de espiritualidade, de desejo de conhecimento suprafísico, fez-se sentir entre os homens durante a última década (1927/1937).

Muitos investigaram ansiosamente nos livros, buscaram mestres e procuraram divisar a luz por detrás dos véus religiosos e dos símbolos iniciáticos.

Como era de esperar, muitas escórias se formaram ao redor destes anseios e ultimamente este tema veio a ser como uma enfermidade psíquica em moda.

Tal estado de coisas levou muitos ao erro, à desorientação e ao desencanto; mas não se deve culpar ninguém pelo ocorrido, uma vez que é defeito da pobre mente humana correr sempre, ansiosamente, a juntar suas energias e a buscar novas sensações no exterior, enquanto se recusa a trabalhar e a realizar a Grande Obra, por seus próprios meios, introspectivamente.

A mente do homem corre atrás do filão de ouro que outro diz haver descoberto, gasta suas reservas vitais na saltitante busca; tropeça, incauto, nas armadilhas ilusórias e recusa-se obstinadamente a cavar na horta de sua casa.

Como tudo é ordem e harmonia no Universo, o nosso planeta está rodeado, por assim dizer, por três esferas concêntricas de Seres Divinos, Semidivinos e Superiores, os quais ordenam, protegem e regulam os destinos da Terra e de seus habitantes.

Quando uma raça decai e uma outra começa o seu ciclo, quando é necessário dar outro impulso às atividades humanas, e a necessidade é mais imperiosa, estes Seres vêm viver diretamente entre nós.

Ao voltar para os planos superiores, Eles deixam um pequeno número de discípulos para manter vivas, através dos tempos, as ensinaças recebidas daqueles Instrutores Divinos.

Dentre estes homens escolhidos, surgiram as grandes Escolas Iniciáticas da antiguidade. Podemos chamar a estas três místicas Rodas: Solar, Lunar e do Fogo.

Os seres da Roda Solar possuem um altíssimo grau de espiritualidade e regem diretamente o desenvolvimento gradual das mônadas humanas; selecionam, dentre as raças, as que deverão formar as novas; distribuem as Entidades nos diversos trabalhos da Grande Obra na Terra e nos planos suprafísicos que lhe seguem, segundo seu grau e adiantamento; regulam a formação e a desapareição dos continentes.

Na geração atual não há nenhum Mestre Iniciado Solar sobre a Terra, mas sim alguns de seus discípulos diretos.

Um apareceu ou aparecerá entre os homens em torno dos anos de 1972-1977, momento inicial da época do signo de Aquário, Hidrochosa ou Americano.

Os seres da Roda Lunar dirigem de perto o adiantamento e a civilização dos povos; a Eles se devem os grandes movimentos evolutivos e libertadores das massas; estimulam e guiam as grandes migrações, fomentam o bem-estar das nações, fundam e inculcam os preceitos das grandes religiões;

são, em uma palavra, os paladinos da civilização, da liberdade e do progresso social e ético do mundo.

Na atualidade há na Terra um determinado número destes Grandes Iniciados.

A missão dos Iniciados do Fogo é procurar que o ser possa reconhecer a si mesmo e que possa descobrir a Chama que brilha, oculta nele, desde que os homens beberam da Taça do Esquecimento.

Pertence-lhes especialmente o estudo da Grande Química, aquela que impulsiona, dirige e modela as transmutações internas.

Ela faz da Matéria Mente e da Mente, Matéria; sempre alerta na Grande Luta para que não se apague a Chama e os homens e as coisas alcancem o ponto harmônico: ∞. Sobre a Terra há agora um número reduzidíssimo de Iniciados do Fogo; mas nem sempre foi assim, pois Eles tiveram Escolas florescentes e contaram com até setecentos Iniciados com vestiduras físicas.

Durante a famosa grande luta de mil e quinhentos anos, que os nascentes Ários sustentaram contra os poderosos Atlantes, enquanto duraram as grandes guerras e as espantosas cisões e submersões continentais, um grande número de Iniciados, como já se disse, estiveram entre os homens. Depois, passado o perigo mais premente, retiraram-se para lugares afastados, para cavernas subterrâneas e para covas em montanhas vulcânicas; e dali seus discípulos continuaram e continuam a sua obra.

Hoje voltam a se abrir as portas do Templo; muitos Iniciados do Fogo estão prontos, lá em cima, para vir entre nós e impulsionar a formação do novo dia de Sakib, que está por despontar.

Das entranhas da Terra voltou a levantar-se a Chama da Mãe Divina e saiu à luz do dia para que a beije, uma vez mais, seu Esposo Solar.

TABERNÁCULO SECRETO

Segunda Ensino

Quando um homem decide empreender algo novo para ele, fica implicitamente estabelecido pelas leis da lógica que é indispensável começar pelo ponto de partida, comumente fixado para alcançar o objetivo.

Por isso, entende-se que o candidato, ao começar o caminho de seu aperfeiçoamento, há de resolver a reforma de sua vida anterior, segundo fizeram outros que já subiram às alturas da alma.

Entende-se que o aspirante há de adotar uma determinada regra, ou código, e observá-la escrupulosamente, sob pena de, lastimavelmente, perder tempo se não o fizer e ainda de receber sérios castigos.

Entende-se, definitivamente, que há de colocar-se dentro de uma ou outra corrente de ideias, estabelecidas de antemão.

Este trabalho é bom, excelente; porém é, por assim dizer, empreender a obra de fora para dentro, enquanto que "o Trabalho da Grande Obra" começa nas mais íntimas e escondidas profundezas da consciência interna do ser.

O aspirante há de deixar, de uma vez por todas, a bolsa de pão do pobre; nada nem ninguém há de fixar-lhe leis nem traçar-lhe limites; ele mesmo há de transformar-se em pão vivo para o seu próprio alimento. "Eu sou o pão da vida", disse Cristo; "se não comerdes deste pão não tereis a Vida Eterna".

Isto significa que o ser há de libertar-se por seus próprios meios, quando a experiência o tenha tornado apto para entrar na senda dos eleitos.

Cada homem é um pequeno mundo, ou melhor, um Universo em miniatura, com todas as suas regras particulares e exceções. O que é muito bom para um pode resultar contraproducente para outro. Além disso, a humanidade estabelece, sábia e indiscutivelmente, como axioma básico de perfeição espiritual, a conquista do bem e o aniquilamento do mal. Porém, além da região dos seres, na pura atmosfera do Espírito, nem um nem outro existe.

Não se pode desprezar o sangue que circula pelas veias de nosso organismo, por ser impuro, e somente dar valor ao que circula pelas artérias, sem entrar na análise de que a existência de um está, inexoravelmente, regida pela existência do outro.

O verdadeiro desenvolvimento espiritual não começa nem se adquire; é antes um maravilhoso conhecimento retrospectivo que, tirando um a um os véus da ilusão que a necessidade da experiência colocou sobre as almas, faz com que o ser volte à Fonte da Vida, em seu interior, e se conheça a si mesmo no silêncio absoluto da Essência Indiferenciada.

“Entremos na cela do conhecimento de nós mesmos”, repete sem cessar a mística Catarina Benincasa de Sena.

Penetre, pois, o Filho da Chama, em seu próprio coração. Este é o misterioso sepulcro da Mãe Divina e ali Ela espera, sempre, o beijo do verdadeiro amante que a desperte e a obrigue a revelar-lhe os segredos eternos. Ali aprenderá a Grande Alquimia, que transmuta o duro metal da dor em puro ouro da paz e da felicidade.

Não se deve dar a este conceito uma forma simplesmente simbólica, mas uma forma real. Mesmo fisiologicamente, o coração humano é a medida do Universo; sua formação, sua vida, seus batimentos, as diferentes substâncias que circulam por suas cavidades, a multidão de átomos ponderáveis, dinâmicos e imponderáveis que o compõem, são uma medida microcós mica do Macrocosmos.

O coração humano é o Arcano da existência; ali está oculta a semente do Sumo Poder que, devidamente aplicado e desenvolvido, poderia conhecer, formar, manter e destruir todas as coisas. Ali, latente, está o substrato de todas as perfeições, de todas as possibilidades, a flor e o mais seletivo de todos os gozos e satisfações e, também, a semente de todos os males e misérias.

Se os afetos de um coração limitado são os desejos da vida, as manifestações de um coração livre e consciente são as realizações do Supremo Amor.

A LABAREDA

Terceira Ensino

"O Espírito é forte mas a carne é fraca".

Muitos desejariam sair das vulgaridades e misérias da vida, mas a falta de exercícios espirituais, a carência de ambiente e os inimigos internos interrompem continuamente o caminho do mais bem intencionado.

A Chama da Mãe Divina brilha sobre o monte das aspirações com todo seu brilho, porém, como chegar até lá?

Então o neófito, titubeante, formula-se duas perguntas: se sou um ente livre, por que não posso libertar-me das paixões que me atam à Terra? E, se sou um escravo preso a uma lei inexorável, tramada pelo destino, por que lutar contra o impossível?

Este é o dilema eterno que tem mantido em suspenso, durante séculos, milhares de almas esforçadas e tem enchido o mundo das discussões, livros e pareceres dos sábios.

O eleito, para entrar na Senda Espiritual, é levado a ela pela predestinação ou pelo livre arbítrio?

A eleição, é fruto da casualidade ou da vontade?

Existem duas grandes leis universais que, paralela e alternadamente, determinam o maior ou o menor adiantamento do ser: a Lei de Predestinação Consecutiva e a Lei Arbitral de Possibilidades.

O ser vem de um ponto, está em outro e segue adiante.

Isso não fica a seu arbítrio, mas está predestinado pelo jogo harmônico da grande onda de causas e efeitos, da qual não pode apartar-se. Tem-se assim a LEI DE PREDESTINAÇÃO CONSECUTIVA.

Porém, embora não possa separar-se da Lei de Consequências, indubitavelmente está nele o apressar ou retardar as ações originárias com o esforço consciente da vontade. Tem-se assim a LEI ARBITRAL DE POSSIBILIDADES

Em síntese, o infinito e o finito se encontram e se fundem em si, continuamente.

A Cruz Ansata, que domina o Templo de Hes, é sempre a solução do grande problema, divino e humano.

Por trás destas duas grandes leis fundamentais e universais, rege outra lei, interna e oculta, que relaciona o ser, individualmente, com a corrente cósmica e espiritual que está dentro de sua vastidão de consciência.

Durante a vida, o ser ascende; traça, por assim dizer, uma linha curva, a qual, quando chega ao ponto máximo de sua ascensão, choca-se com a corrente cósmica que sintoniza com ela. É a ocasião única da vida; é a vocação que resplandece de repente na mente do buscador; é o momento de progredir que se apresenta somente uma vez no caminho humano.

Mesmo o ser mais perverso tem seu instante de ascensão e conexão com as forças superiores e é quando sente o desejo de ser mais honrado e melhor.

Se a alma sabe levar consigo, durante o descenso da curva para a morte física, pois a morte física não é, definitivamente, mais que o esgotamento de determinadas consequências e possibilidades, a Chama da vocação, percebida no vislumbre superior, nunca voltará a ser o que foi; e se o esquecimento apaga essa luz, não será mais que uma recordação que terá que fecundar em uma próxima peregrinação humana.

O principiante não deve desanimar-se se, ao começar o caminho espiritual, encontra por toda parte inimigos, dificuldades e tentações que se interpõem à sua passagem; porém, com esforço continuado e reta intenção, procure estar sempre dentro da corrente de anseios espirituais.

Não lhe faltará ajuda no momento necessário; e se o adiantamento, a princípio, não é tanto como teria desejado, há de saber que o adiantamento espiritual não se mede a partir de grandes progressos, da aquisição de poderes psíquicos e domínios internos, que também estão sujeitos à lei de fluxo e refluxo, mas, mede-se pelo estado e pela duração da serenidade interior.

Se o Espírito, em seu santuário interior, é livre e se é verdade que a alma há que libertar-se de toda trava ou imposição para chegar até ele em íntima união, a vida exterior e os sentidos hão de ser estudados e conhecidos. Por isso, é indispensável uma determinada série de exercícios que, praticados de um modo ou de outro, segundo a disposição e a característica particular de cada estudante, dispõem-no para receber as ensinanças superiores, que se indicam sempre quando chega o momento oportuno.

Por enquanto, cale o discípulo; e espere. Calar é a primeira palavra que o estudante há de conhecer e ela lhe dará a solução das outras nove, que são enumeradas a seguir.

As palavras básicas para o Desenvolvimento Espiritual são as seguintes:

- 1ª: Calar
- 2ª: Escutar
- 3ª: Recordar
- 4ª: Compreender
- 5ª: Saber
- 6ª: Querer
- 7ª: Ousar
- 8ª: Julgar
- 9ª : Esquecer
- 10ª: Transmutar

EXAME RETROSPECTIVO

Quarta Ensino

Com tolerável aproximação, podemos representar o pensamento como o fluir de uma corrente de água que continuamente desce de montanhas desconhecidas (o instintivo, o racional), plasma-se no curso traçado de antemão, para desembocar finalmente na imensidão do mar da Matéria.

O pensamento flui sempre, sua atividade é incessante; quando não consciente, subconscientemente; isto acontece durante a noite, estando entregues ao sono, enquanto o corpo descansa. Se não fosse assim, reinaria o caos. Se por um só instante se detivesse o princípio raiz do pensamento, o Cosmos se desfaria.

No entanto, se se pudesse deter as forças mentais (pensamentos), multiplicar-se-ia enormemente seu poder ao colocá-las de novo em movimento.

Os resultados seriam surpreendentes; a Matéria responderia a seu chamado. O pensamento far-se-ia carne e compreender-se-iam as palavras de Cristo: "Se tivésseis verdadeira fé, diríeis à montanha: move-te, e ela iria até vós".

O controle das forças mentais é de tanta importância que, em toda Escola Iniciática, é o que primeiramente se ensina ao aspirante.

O fim desejado é que o pensamento seja o cavalo da Mente Superior, e não que esteja sujeita a ele.

A impossibilidade que os seres têm de dominar o pensamento, de aquietar as revoltas águas do lago da Alma, é uma das causas pelas quais se desconhecem os fatos de vidas anteriores.

O exercício raiz, que introduz o discípulo no conhecimento de seu mundo mental, é o "exame retrospectivo". Sob uma denominação ou outra, e praticado de formas diversas, fizeram uso desse exercício todas as religiões e todas as Escolas.

Efetua-se como se expõe a seguir:

Preferentemente, far-se-á à noite, ao deitar-se, ou pouco antes. O silêncio noturno favorece o silêncio interior; o cansaço do corpo, que instintivamente faz sentir a necessidade de abandoná-lo ao repouso e não recordar o acontecido durante o dia, ajuda o pensamento nesse descanso interior. Claro está que, se nesse momento não se aplica a vontade, o sono de imediato se apodera do ser; por isso, ainda que o relaxamento do corpo favoreça o relaxamento da mente, deve manter-se a atenção suficientemente desperta para não perder o domínio da razão.

Após um minuto de descanso mental, deve-se procurar recordar os fatos ocorridos durante o dia, desde o momento em que se começa o exercício, retrocedendo sucessivamente até o momento do despertar.

No princípio costuma existir uma tendência a demorar muito na recordação dos fatos; para evitar isso, é conveniente deter-se ou, melhor dito, fixar a atenção no mais importante, descartando os acontecimentos mais triviais. Sempre há três ou quatro fatos que se destacam. É necessário fixar-se objetivamente no fato, não qualificá-lo.

Não interessa ao exercício que seja bom ou mau; subconscientemente, durante o sono, a mente fará esse trabalho e, no dia seguinte, por instinto, saber-se-á o que convirá repetir ou não.

Quando, no exercício, chega-se ao ponto em que se fixa a atenção sobre o momento do despertar, há que suspender o pensamento e se deve imaginar que o sangue, acumulado no cérebro pelo esforço realizado durante o dia, desce lentamente ao coração, onde se purifica. A partir daí continuará sua descida até a planta dos pés. Entrar-se-á então em um sono aprazível.

Com três ou quatro meses de prática já se consegue olhar com mais detalhes; perceber-se-á o fato mais insignificante com rapidez.

Pode-se perceber o adiantamento quando o discípulo consegue passar rapidamente o filme dos fatos, com muita precisão e sem omissões.

Pode-se definir o "exercício" como um conjunto de práticas que têm por objetivo desenvolver uma faculdade ou, se esta já é possuída, conservá-la com todo seu vigor.

Com o exame retrospectivo, propõe-se desenvolver a faculdade de manejar as forças mentais segundo se deseja; de dominar, usando a imagem empregada acima, o cavalo da Mente Superior.

No plano físico, o ser se encontra muito limitado e às escuras. Submerso no Tempo, os três Tempos dos hindus – passado, presente e futuro – depara-se com o futuro que lhe é desconhecido, o presente que lhe é inacessível e o passado que se limita à presente encarnação, trecho insignificante do caminho que o traz do Infinito e que ao Infinito o leva.

Como divisar a meta?

Ir adiante não é possível, pois o caminho se acha às escuras.

Tampouco pode abstrair-se do presente.

Resta, então, a pequena distância do caminho percorrido que a memória ilumina; nela o ser deverá exercitar-se e retroceder cada vez mais.

Quando o discípulo está mais adiantado, a cada oito ou dez dias pode percorrer os fatos ocorridos durante o mês; quando progrediu ainda mais, poderá efetuar o exercício sobre todos os fatos da vida passada, até o momento em que a luz do pensamento brilhou pela primeira vez na mente da criança.

E, mais para trás?

Não há que desfalecer; deve-se apontar o pensamento para a pontinha do alfinete por onde se entra no desconhecido mundo suprafísico.

Ali poder-se-á percorrer os espaçosos caminhos de vidas passadas.

RESERVA DE ENERGIAS

Quinta Ensinança

Se o principiante quer progredir rapidamente, há de habituar-se a reservar suas energias físicas, intelectuais e morais.

Aquilo de "trabalhar é orar" é verdade, se se entende por trabalho uma perfeita autoconsciência do ser de todos os seus atos, mesmo dos mais insignificantes.

O resultado direto desta autoinspeção contínua será um notável aumento de forças nos centros produtores etéreos, as quais, aplicadas no momento oportuno, verterão na vida do discípulo uma abundante dose de saúde, correção e êxito.

Reservem-se, acima de tudo, as energias sexuais.

Nelas descansa o magno poder que é fonte de toda manifestação de vida e base de todas as funções de reprodução; além disso, essas forças, sabiamente guardadas e dirigidas no momento oportuno, vitalizam e renovam o corpo e influem notavelmente sobre a mente humana.

Dizem os hindus que a Divindade colocou seu assento no plexo sacro do corpo humano e que a Força Universal dorme ali, na forma de uma serpente enroscada, símbolo do bem e do mal.

Os hormônios sexuais vertem no sangue a seiva do bem-estar e da felicidade.

Se o homem conhecesse as verdadeiras e completas funções sexuais, não usaria esse atributo excelso unicamente para o prazer e a reprodução, mas também aprenderia a transmutar dita força em substância energética e mental, efetuando assim uma verdadeira regeneração interna.

Os instrutores religiosos, como tinham conhecimento deste grande segredo, impuseram absoluta abstinência a seus sacerdotes; e muitas pessoas chamadas à mais perfeita vida, praticaram o celibato instintivamente; e aqueles cujas regras lhes impunham o matrimônio, executavam as funções reprodutoras como um ato sagrado e medido.

Constantemente há que desejar que as energias sexuais se transformem em verbo.

A palavra produz som e o som sustentado é vibração; e uma vibração sabiamente sustentada e dirigida, é poder.

Pelo Verbo Criador foram feitos os sistemas siderais. Por conseguinte, devem medir-se as palavras.

Nos velhos ditos populares costumam estar condensadas leis sábias: "A palavra é prata, o silêncio é ouro".

Não se pode imaginar as energias que esparrama uma pessoa falador; a norma do silêncio rigoroso para os Iniciados, nos Templos egípcios, era solene e sagrada.

Nos tempos de Apolônio de Tiana impunha-se aos aspirantes um silêncio inquebrantável durante os cinco primeiros anos.

Os religiosos trapistas observam a lei do silêncio durante toda a vida.

Cristo disse: "Sejam tuas palavras: sim, sim, não, não."

A palavra deve ser expressão clara e concisa da ideia que se quer expressar.

Gastam-se energias vocais com expressões emotivas ou iracundas, com o hábito de rir ou de chorar em demasia; porém, gasta-se terrivelmente com a maledicência e a mentira.

Em "Luz no Caminho", lê-se que "não se pode entrar na Senda do discipulado, até que a língua saiba não ferir".

Além disso, a palavra inútil e malvada carrega-se de energias negativas que rodeiam viciosamente o ser que a emitiu e o prejudicam intensamente.

Por isso, deve-se falar pouco, ou falar de modo que a palavra seja fonte de construção do bem, de contribuição para o sustento da Grande Obra.

Ao falar bem, com medida e retamente, uma lei de simpatia análoga faz com que as forças sejam repostas de imediato.

Se sempre se chama a uma pessoa de um determinado modo, observar-se-á que essa pessoa se amolda, pouco a pouco, ao apelido.

Os Sannyásis, ao começarem sua vida de renúncia, trocam de nome para que a palavra acompanhe o novo ideal forjado.

Os antigos fundadores de religiões impunham na reza, o método e a vocalização da palavra, porque conheciam o poder da energia vocal.

Pelos olhos também escapam continuamente energias numerosas.

Um exercício, mediante o qual o noviço aprende a refrear seus olhos, consiste em obrigá-lo a declarar todas as noites a quantidade de rostos humanos que viu durante o dia.

Os olhos, acostumados a saltar continuamente de um lado a outro, não só perdem forças espirituais, mas também físicas; o homem do campo, acostumado à concentração serena da vista, pode distinguir um homem ou um animal a uma distância da qual uma pessoa da cidade não vê mais que uniformidade.

Além disso, habituando os olhos à discrição do homem que os dirige, aprende-se, paulatinamente, a concentrar a vista interna no próprio ser.

Os olhos são o espelho da alma; uma mente serena e tranquila se expressa por meio de olhos de expressão equivalente.

Houve um sannyâsi hindu que fez voto de não tirar seus olhos do céu; e São Bernardo desconhecia o teto de sua cela, porque os mantinha sempre baixos.

Guardem-se as energias do olhos para que, quando olhem, vejam tudo de um golpe e esquadrihem até o mais recôndito.

Mais vale não ver muitas coisas; porém, se se chega a vê-las, convém que se as apague da retina.

Olhe-se bem, então, para que ao usar os olhos, possam reluzir como brilhantes raios de sol.

MÉTODO DE VIDA

Sexta Ensinança

Metodizem-se as vidas, os anos, os dias.

Olhe-se a magnificência da abóbada celeste, como matematicamente nos sistemas solares e os astros, as voltas dos anos cósmicos e os dias humanos.

Pode observar-se como tudo é lei e ordem na Natureza e a regularidade com que se sucedem as estações do ano.

Se desde o ponto de vista espiritual a Alma deve ter a mais absoluta liberdade de orientação, nos atos exteriores e no método de vida, as ações do ser devem estar submetidas a uma estrita lei e vigilância.

É necessário que o homem impulse o ritmo de seus trabalhos diários ao compasso das sete correntes cósmicas que dividem os dias solares.

Por isso é conveniente levantar-se ao alvorecer e repartir o atos cotidianos ordenadamente. O tempo não existe a não ser como duração; por isso, as horas são rápidas ou lentas, curtas ou longas, segundo estejam bem ou mal divididas. Para aquele que faz suas coisas bem e ordenadamente há tempo e lugar para tudo.

O corpo do homem tem que acostumar-se a servir seu amo, e não este a seu físico. A seu tempo deve descansar, e a seu tempo obrar e trabalhar. Não é conveniente prodigalizar-lhe cuidados excessivos nem tomá-lo por um inimigo a quem se deva destruir, como fazem os membros de certas religiões. Não é, em mãos do ser consciente, senão um instrumento: se se o acaricia, adormece; se se o castiga, rebela-se; se se o dirige, obedece.

Há quem se preocupe demasiado pela saúde do corpo, não refletindo que a saúde física é o resultado natural de um discreto modo de viver.

Bebam-se águas nascentes em abundância e comam-se espigas maduras, eliminando o muito doce e o muito ácido; a alimentação deve ser regulada, vigiada e medida para que o ser tenha frescor, seja ágil e flexível.

Diariamente, inimigos destruidores, sob a forma de milhões de bactérias, aglomeram-se nas porosas portas do organismo humano para assenhorear-se dele, destruindo seus tecidos e infectando sua linfa. Afaste-se o perigo com banhos frescos, com uma caminhada matinal e com uma respiração correta.

Nos exercícios respiratórios não há que adotar métodos estrambóticos ou afetados, mas o correto método de respirar em três tempos: inspire-se amplamente pelas narinas, retenha-se por alguns instantes o ar nos pulmões e espire-se fortemente pela boca.

Além de distribuir o dia segundo os sete movimentos cósmicos, há que mover-se em harmonia com a Grande Corrente Dual, que sobe e desce pausadamente, se se quer chegar a assenhorear-se de si mesmo. Estas duas forças são positivas ou negativas, ativas ou passivas, segundo o ato que se vai executar.

Alguns, quando estão trabalhando, desejariam descansar, e em horas de repouso sentem todos os impulsos e iluminações a respeito do que têm que fazer durante o tempo de estudo ou trabalho. Porém estes desarmônicos estados da mente não são mais que enganosos reflexos da volúvel e mal acostuada imaginação. Se ao ler ou trabalhar se nota cansaço ou aborrecimento, deve-se continuar, ainda que aparentemente se aproveite pouco; deve-se insistir ainda que um denso véu cubra a inteligência e embote o cérebro; no dia seguinte notar-se-á que não se perdeu tempo, pois terá trabalhado o subconsciente.

Porém se, por exemplo, uma leitura interessa muito, suspendê-la por uns minutos ao chegar ao "melhor", para que a reserva de energia mental não se queime em favor da fantasia, deixando depois apenas uma vaga recordação do que foi lido.

Muita pressa nem sempre permite chegar a tempo a um encontro; convém, ao contrário, deter-se em recolher energias mediante um ato volitivo contrário ao que se proporia realizar.

Convém acompanhar com palavras as ações do dia, murmurando muitas vezes: saúde, bem-estar, ordem, etc., etc.

As forças físicas, ordenadamente distribuídas, refletem o estado e a atividade das forças mentais.

ASSISTÊNCIA E TRABALHO

Sétima Ensinança

Como uma sentinela sempre vigilante há de ser o discípulo, porque em qualquer momento pode soar a hora na qual se lhe chama ao labor.

Os Mestres que dirigem os destinos do mundo o chamarão para trabalhar quando o candidato estiver preparado o bastante para participar do mesmo.

A Obra de assistência à humanidade é a Grande Corrente, poderosa força posta em marcha pelos protetores invisíveis, que arrasta consigo o ser que estiver em condições de sustentar-se n'Ela, e exclui aquele que não pode tolerar a alta vibração da mesma.

Esta participação se efetua lenta e despercebidamente à medida que o discípulo for progredindo, que seus corpos físico e astral forem se depurando paulatinamente das escórias materiais demasiado pesadas, e rodearem-se de um exército de átomos físicos e suprafísicos mais puros e adequados para penetrar e resistir à Grande Corrente.

Quando chegar esta hora, o lema do eleito será "trabalhar por trabalhar", sem apetecer-lhe o fruto da obra, porque o apetite, mesmo santo e bom, supõe apego ao objeto amado e prende, uma vez mais, à Lei de Consequências.

Aquele que se pôs às ordens da Grande Obra, não trabalha para si; só trabalha para a Obra, com o pensamento sempre posto n'Ela, unicamente.

Por isso, não cabe escolher o trabalho nem uma tarefa em lugar de outra, mas abandonar-se sempre nos braços da Única Vontade d'Aquela que dirige o conjunto do Trabalho.

A princípio, é difícil para o discípulo assistir e trabalhar sem que a emotividade participe no trabalho; é duro para ele fazer tudo com um ato puro de vontade. Muitos são os vencidos pela preguiça e pelo vazio, inimigos mortais que podem colocar tudo a perder.

É verdadeiramente difícil manter o entusiasmo aceso sem que os sentidos tomem parte; porém se o discípulo não quiser morrer aqui e ser lançado da Grande Corrente, da mesma forma que o mar devolve os despojos do naufrágio, há de vencer este ponto. E se chegar a compreender que lhe é impossível continuar por enquanto, deve desviar rapidamente este sentimento do objetivo particular e focalizar, com todas as forças de seu ser, essa sensibilidade para o Único e puro Amor da Mãe Divina do Universo.

A assistência à humanidade se efetua no plano físico durante a vigília e no plano astral durante o sono.

A princípio, em ambos os planos os atos de assistência são executados inconscientemente, sob a direção de um Mestre invisível. Porém quando o discípulo vai se desenvolvendo espiritualmente, é-lhe dado mais campo de ação e mais liberdade. O que antes fazia quase sem saber, levado pelas mãos, o faz agora com conhecimento de causa e com certo arbítrio pessoal.

Evidentemente, o discípulo não deve supor que no plano físico o trabalho a realizar seja igual para todos e de aparência grandiosa. Nunca poderá participar de grandes trabalhos se antes não tiver aprendido a executar bem e escrupulosamente os pequenos.

Há que adestrar-se na tarefa durante o dia: no lar, na rua, no trabalho. Logo verá como os Mestres, à medida que fizer bem o pequeno, dar-lhe-ão oportunidades mais evidentes para fazer o bem; logo verá como, sem buscar nem querer, estarão a seu alcance as almas que sofrem, bebendo do cálice de suas mãos, a benfeitora água do consolo.

No campo astral há mais oportunidades para fazer o bem.

O corpo astral, bem educado por uma reta concentração antes de dormir, habitua-se, pouco a pouco, a não vagar atrás dos fogos fátuos que a fantasia do adormecido foi preparando durante o dia.

A união entre a recordação cerebral e a recordação astral se faz mais vívida e o discípulo, ao recordar em estado de vigília o acontecido durante o sono, faz-se mais dono do corpo astral e pode dirigi-lo durante as horas noturnas aos lugares onde é reclamado pelos Mestres, podendo assim auxiliar os necessitados.

Não só os "estudantes" podem participar da Grande Corrente, mas todo ser, de qualquer religião ou classe, que com reta intenção deseje trabalhar desinteressadamente para o bem da humanidade.

A este respeito, é ilustrativo o trabalho astral realizado por Catarina Emmerich, que desconhecia em absoluto os conceitos mais elementares das Escolas Iniciáticas.

Refere-se o seguinte fato da história de sua vida:

"Em uma manhã entregou a um amigo um saquinho cheio de farinha de centeio e ovos, e indicou-lhe uma casa onde vivia uma pobre mulher chamada Gertrudes em companhia de seu esposo e de dois filhos.

"Gertrudes era tuberculosa. O amigo devia dizer à mulher que com aquilo fizesse cataplasmas, que seriam bons para seu peito.

"Quando entrou na choça e tirou o saquinho que trazia sob sua capa, a pobre mãe, estendida em uma cama de palha entre seus filhos meio desnudos, estava com uma febre abrasadora. Estendendo-lhe os braços, disse com voz trêmula: 'Ó, senhor! Deus vos enviou à irmã Emmerich. Trazeis-me farinha de centeio e ovos'. Chorou, tossiu e fez sinal a seu esposo para que falasse por ela. Este disse que Gertrudes havia tido um sono muito agitado na noite precedente, que falou enquanto dormia e que ao despertar relatou seu sonho desta maneira: 'Pareceu-me estar contigo à porta da casa; a piedosa monja saiu de uma casa vizinha dizendo-te que a olhasses; deteve-se diante de nós e me disse: 'Ah! Gertrudes! por teu semblante pareces estar muito doente; mandar-te-ei farinha de centeio e ovos que são bons para o peito'. Então despertei."

A RENÚNCIA

Oitava Ensinança

Se o ser renunciasse, não às coisas que ele crê prejudiciais para seu bem-estar ou adiantamento espiritual, mas por amor à liberdade, alcançaria em vida uma felicidade inenarrável, uma serenidade a toda prova, um estado de êxtase natural e indescritível.

Cortar laços, sair de jaulas, para liberar-se de algo é atar-se com laços mais sutis, é encerrar-se em jaulas maiores; mas renunciar para libertar-se é viver.

Aquele que deixa as coisas que lhe pertencem pelo gosto de deixá-las, faz-se dono delas. Aquele que afasta de si o pedaço de terra que lhe oferece a sociedade, por amor à liberação, faz-se dono da terra. Aquele que põe abaixo sua casa porque está cansado de ver o céu desde a janela, vê todo o horizonte. Porém, a verdadeira renúncia começa quando o ser se desembaraça de sua personalidade corrente.

Há sete graus de Renúncia nos textos de Desenvolvimento Espiritual.

O primeiro grau é este: Quebrar a personalidade corrente.

A personalidade corrente é aquele conjunto de ideias que encerra um homem dentro de um círculo de determinadas leis, crenças, hábitos, costumes e tendências particulares. Quebrar este círculo, descartar esta capa mental de crer que não se pode ser feliz sem todos esses conceitos pré-estabelecidos, é dar o primeiro passo para a liberação.

Aquele que se escraviza pelo que crê ser sua felicidade e seu bem-estar, sofre continuamente por temor de perder suas correntes, as finas tranças de seda que o prendem a si mesmo, que o diminuem e reduzem sua visão interior de consciência a um ponto mínimo.

Como este ser escravo vive em um espaço espiritual tão reduzido, não tem outra força para dominar que a crença de considerar-se seguro.

Dizia a rã do charco à rã do rio que foi visitá-la, que não podia haver extensão de água maior que a que ela desfrutava.

Porém, a alma prisioneira anseia a liberdade e os seres não estão mais satisfeitos com o que conseguiram para si mesmos, mas anseiam por algo mais. Este anseio é o primeiro passo para a Renúncia.

A alma quer perder sua personalidade para adquirir sua individualidade. Aqui já há aquela individualidade, fruto da raça futura, que colocará o ser em contato, mediante suas próprias forças, com a alma do mundo. A lagarta está por tornar-se borboleta. A imagem de Satã desaparece com as luzes do amanhecer do novo dia, para dar passagem a Deus.

Dentro da cela da personalidade, o ser, como já não é feliz, mente continuamente para si mesmo, engana-se continuamente, dizendo para si mesmo que é feliz; por isso, o segundo grau de Renúncia consiste na coragem da confissão sincera da própria inferioridade.

Renunciar é conhecer-se. Renunciar é fazer luz na alma e ver nos mais secretos rincões da consciência aquelas sombras tão temidas e tão cuidadosamente ocultas.

A ação de ir acumulando no interior desejos, aspirações, tendências e vícios ignorados por todos, é uma avareza moral do homem.

Verdadeiramente se necessita uma coragem extraordinária não só para confessar os defeitos internos, como Rousseau, senão também para que a alma confesse a si mesma seus defeitos.

É como uma segunda natureza, é como um segundo ser que vive na consciência; é a sombra demoníaca que está à esquerda do homem, aquela que cuida constantemente para que ele dissimule a si mesmo, desculpe-se continuamente de suas misérias interiores, de seus pecados ocultos.

Porém a alma que anseia pela liberação, ela só, com a Renúncia à sua natureza inferior, à sua personalidade pesada, destrói este inimigo e não se envergonha já de ver-se tal qual é, com seu bem e seu mal, com suas grandezas e suas misérias, com o conjunto de seu foro interno, que é bem e mal.

Unicamente o ser que não se conhece a si mesmo pode ser avaro, invejoso e mesquinho, ter vícios e viver pensando que ele é o centro, e todos os que o rodeiam são seus satélites. Por isso, no terceiro grau de Renúncia, quebra-se o conceito de separatividade.

Tu e eu, este e o outro, hoje e amanhã, tudo desaparece sob os olhos felizes daquele que a tudo renunciou. Já não é o centro mesquinho ao redor do qual tudo tem que girar, mas agora é o centro em si.

Não pode vangloriar-se do que é porque ele foi ou será pecador; não pode desejar o que não tem, porque ter e não ter existe unicamente para aquele que vive na relatividade da vida exterior.

Ele é tudo. Nele o bem e o mal formaram uma única base, o pilar sagrado sobre o qual se acende a chama Una do Espírito.

Para uma alma assim, que renunciou a tanto, que se libertou de tanto, as ações da vida e o modo de expressá-las mudam completamente de forma.

Somente no quarto grau da Renúncia compreendem-se as palavras “trabalhar por trabalhar”.

Trabalha-se como uma abelha, sem saber para quem nem por quê. Sabe-se que o trabalho é um meio para libertar a alma cada vez mais e nada mais se pede em recompensa, senão que se deixe fazer.

Dá-se sem ser visto. Verdadeiramente não sabe a mão esquerda o que faz a direita, pois se venceu a luxúria da satisfação pessoal.

A caridade praticada por vanglória é mórbida luxúria da mente, porém a caridade feita por fazer é liberação, não só dos sentidos mas também da mente.

Os grandes seres, aqueles que fizeram grandes obras humanitárias, sempre responderam o mesmo àqueles que os adularam pela obra realizada: eu não o fiz, Deus o fez.

Esses são os grandes seres, que quando se lhes ordena a ação mais vulgar ou a obra mais banal, cumprem-na sem perguntar como nem por quê.

Só então é que se vive a vida, se conhece a vida e se entra no quinto grau da Renúncia.

Ai dos pobres homens que acreditam que há coisas desagradáveis e coisas agradáveis, que há coisas feias, e buscam somente o que creem agradável. Nunca serão felizes, porque não há coisas

feias nem belas; todas merecem ser conhecidas e atento, têm efeitos de plenitude quando revelam, aos olhos do investigador, a semente do espírito que as promove.

Numa noite de chuva, de vento e de frio, dois humildes frades, mal vestidos e descalços, iam a caminho de Assis. O menor e mais magro que ia atrás, rompeu de repente o silêncio e disse ao companheiro, um moço jovem, alto e forte: “Frei Leão, ovelha de Deus, escuta-me atentamente” (era São Francisco de Assis o que falava): “Se conhecesses o segredo do Universo, de todos os mundos, de todas as coisas, terias a perfeita felicidade?” E assim foi enumerando todas as coisas grandes e belas para os homens, formulando-lhe sempre a mesma pergunta. Como o humilde frei Leão não respondia, disse-lhe: “Se chegássemos a nosso Convento e o irmão porteiro não nos reconhecesse e nos deixasse na intempérie, com frio, com fome, como dois vagabundos, eu te digo que nisso está a perfeita felicidade”.

O Santo dizia isso porque a felicidade está no conhecimento de todas as coisas, boas e más.

O sexto grau de Renúncia já está para além da liberação dos sentidos e da mente e é a liberação espiritual.

Aquele que renunciou a tudo, assemelha-se de tal modo com a Vontade Divina que vence o tempo e a dor. O homem trabalha como aquelas mulheres que tecem grandes tapeçarias e veem unicamente o avesso da obra; não conseguem dar-se conta da beleza desta até que esteja terminada. Porém aquele que renunciou e se liberou espiritualmente, colocou-se em um ponto tal de amplitude que vê a obra ao mesmo tempo em sua essência e em sua potência.

É assim que o Peregrino da Eternidade chega ao sétimo grau da Renúncia e vive ali a Hora Eterna, porque aprendeu que perder é ganhar, que dar é receber, deixar o pequeno é viver o grande.

Desdenhar as horas e o tempo é colocar-se firmemente sobre o Umbral da Eternidade.

CORAGEM E CONTROLE PESSOAL

Nona Ensinança

Apesar de tudo o que se disse e se escreveu sobre a Coragem, o medo não deixou por isso de reinar no mundo.

Desde o temor ancestral que resume em si todos os espasmos e lutas para a defesa pessoal, até o temor sutilmente disfarçado com o nome de defesa pessoal, o medo não deixou de ter sob seu controle os corações dos homens.

Então, ou a humanidade desconhece a Coragem, ou tem um conceito falso da mesma, pois ela não é atropelo nem bravata, mas um sentido bem equilibrado de Controle Pessoal.

Há, no ser humano, uma defesa que impede as forças negativas e destrutivas de penetrar nele: é a Roda Controle, que vigia constantemente a entrada de toda vibração no ser. Porém, quando o temor se impõe, esta porta fechada se abre, permitindo a entrada de forças negativas, da morte e da destruição.

A Coragem consiste, então, em manejar bem o Controle Pessoal e não a coragem” no sentido que os homens dão a esta palavra, que não é mais que o par de opostos do temor.

A Coragem Controle está sempre à altura de sua importante missão e não pode dar os aspectos externos da coragem humana. Homens que se consideram valorosos e que se distinguiram por fatos verdadeiramente heróicos, tremem num momento dado, devido a uma sombra noturna; e mulheres que se espantavam com o ruído de uma porta tiveram, num momento de necessidade, arrojados grandiosos, como aquele da mãe que se lança às chamas para salvar seu filho.

A Coragem Controle para ser realizada em toda sua plenitude, tem que ser experimentada em quatro passos diferentes.

Primeiro passo: A Simplicidade

“Se não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus”, disse o Mestre.

É indispensável que a simplicidade reine no coração para que a Roda Controle se descarregue de todos os impedimentos que dificultam seu correto funcionamento; e a criança é o melhor exemplo porque sua inconsciência, sua espontaneidade, geram força suficiente para sua defesa.

A simplicidade é Coragem; a alma simples é, verdadeiramente, a que não teme. A alma verdadeiramente grande não pode abandonar-se continuamente a cismar sobre o que virá, sobre o que será, porque está segura de si mesma.

O despreocupar-se continuamente, o não pensar nos males vindouros, o abandonar-se com certa irreflexão ao primeiro impulso, não acontece senão em uma alma esforçada; porém o homem moderno vive em uma preocupação contínua; enredou sua mente de tal forma que vive em uma contínua defesa, em uma contínua cisma sobre o mal que lhe pode nascer ou que lhe pode sobrevir.

Descartar tudo isto e viver o dia de hoje, a hora presente, é adquirir, é estar seguro de que o homem tem em si o poder necessário para reagir no momento em que se apresenta o perigo e não antes do perigo.

O criado de um Místico foi, todo apavorado, anunciar a seu amo que não tinha arroz; o Místico respondeu: “Quanto me alegre! Assim poderemos demonstrar à Mãe Divina que vivemos abandonados em seus braços”. E não há um traço sublime naquele ato do general San Martin quando, ao anúncio de que o inimigo estava perto e suas tropas em perigo, em lugar de dispor-se imediatamente para a defesa, retirou-se para dormir?

Os frouxos, os que não têm caudal nem reserva de energias, têm, sim, que temer continuamente. Porém aquele que sabe que é uma fonte inesgotável de energias cósmicas não tem porque temer.

Segundo passo: A Prudência

Mas, o Mestre também disse: “Sede simples como as pombas, porém prudentes como as serpentes”.

A prudência, como Coragem e Controle Pessoal, não é aquela indecisão constante, tão habitual nos homens e que os faz perder as melhores oportunidades por se demorarem. A prudência é aquela que sabe até onde pode chegar o controle do homem e até onde pode lançar a vibração de Coragem para impedir que vá demasiado longe e se transmute em temor.

A prudência é essa observação contínua das forças pessoais do homem e do que ele pode dar.

Quando a alma se sente plena de uma força santa que a impulsiona a ir em defesa dos oprimidos, a fazer justiça, a ir ao martírio se for necessário para o bem da humanidade, tem que deter essas forças, não gastá-las e considerar o que faria se seu sonho fosse realidade.

Quantos dizem que dariam a vida por seu ideal e, ao primeiro golpe que recebem, não só não oferecem o que haviam prometido senão que o abandonam e até o renegam.

Pedro disse a Cristo: “Eu te amo mais que ninguém, daria minha vida por Ti”; e, no entanto, diante do perigo o renega, e três vezes! Depois da Ressurreição, quando já havia aprendido a lição de que a Coragem dos sonhos não é a Coragem da realidade, Cristo lhe pergunta: “Pedro, tu me amas?” Ele responde: “Tu sabes se te amo.”

É fácil ser valente quando se está comodamente sentado em uma poltrona macia e se deixa que a fantasia corra junto com a fumaça do cigarro. É preciso estar diante da realidade para saber o que se pode dar e a prudência Controle é nisto a única mestra.

“Leva-me contigo Mestre”, dizia um impaciente discípulo a seu guia espiritual; “quero voar por esses mundos maravilhosos que descreves, quero ver as figuras etéreas que povoam o mundo astral; leva-me contigo”. Porém o Mestre o admoestava dizendo que viria o tempo, que antes tinha que fazer-se forte, equilibrar-se bem, ter um Controle a toda prova, antes de enfrentar-se com o mundo oculto. Porém, como o neófito tanto insistiu, levou-o consigo ao cruzamento de dois caminhos, traçou o círculo mágico, pronunciou as palavras solenes e disse ao jovem: “Põe-te ali no meio e não temas, pois descerá a carruagem necessária para transportar-te às regiões superiores”. Assim fez o discípulo. Porém, quando estava no círculo e ouviu o ruído de um veículo que se aproximava, e viu que vinha a toda velocidade sobre ele, perdeu seu Controle e ao perdê-lo, carruagem e cavalos se fizeram imensamente grandes para ele; já estavam em cima dele, como que para esmagá-lo, quando caiu como morto. Sua Coragem não era mais que curiosidade, porque se fosse a Coragem prudente de um discípulo discreto, teria tido forças para controlar-se no momento de pavor, que é a passagem de um a outro estado.

Perguntaram ao rei Salomão: “O que é a sabedoria?” E ele respondeu: “A sabedoria alberga em sua casa a prudência”.

Terceiro passo: A Temperança

Para se poder viver simplesmente, em paz e sem o tormento de não poder defender-se para fazer valer a prudência e dar-lhe mérito para que distinga as forças reais das ilusórias na conquista da Coragem e do Controle Pessoal, é indispensável a temperança.

A temperança é o tanque no qual se acumulam as energias da Coragem. Controlar e medir todos os atos, privar-se das coisas mais agradáveis, medir com discrição as coisas indispensáveis, vigiar os pensamentos e as palavras, é poupar forças preciosas. Nunca se deve confiar demasiado naquele que diz: “eu sou forte, eu sei defender-me”. O alarde desmedido nunca conseguirá poupar muitas energias.

Aquele cardeal Peretti, velhinho, sujeito a achaques, que caminhava penosamente apoiado em seu bastão, não tinha a aparência de um homem valente; por isso os cardeais, reunidos em conclave, elegeram-no papa (Sixto V), pensando que poderiam manipulá-lo à vontade; porém ele, quando soube de sua eleição, endireitou o corpo, jogou para longe de si seu bastão e disse: “Há muitos anos tenho ocultado meus sentimentos, agora mando eu.”; e governou a Igreja com mão de ferro.

A temperança, o sacrifício constante de acumular forças, faz com que o Centro Controle se endureça como um diamante e possa tolerar todas as vibrações, mesmo as mais violentas e mortíferas. Têm-se visto homens que viveram encerrados em claustros, com sua vontade completamente submetida às ordens de seus superiores que, quando começaram a agir, demonstraram ter uma Coragem a toda prova, que não condizia com sua educação. É que a temperança, exercitada durante muitos anos, a renúncia da vontade e o domínio das paixões, deu-lhes a verdadeiro Coragem, que se estriba no Controle Pessoal.

Quando um temor constante invade a alma, não há que vencê-lo fazendo alarde exterior de não senti-lo, como aqueles que põem óculos azuis para ver o mundo com cor agradável, senão que há que poupar energias diárias para vencê-lo. Somente quando se acumulou forças suficientes se poderá fazer-lhe frente.

Vêm ao caso aqui os seguintes parágrafos do capítulo intitulado “O Abismo” da Simbologia Arcaica.

“Não te voltes para olhar! Não te balances sobre a borda do precipício! Cairias seguramente nele, envolto no pavoroso redemoinho que agita ritmicamente o afanoso respirar de sua Inimiga”.

“Amanhã sim! Voltarás para matá-la definitivamente, depois que ela, despertada por teu beijo vitorioso, tenha confiado a ti a espada de duplo fio da inquebrantável vontade”.

Quarto passo: A Fortaleza

Havendo chegado ao último passo, o mais difícil de todos, apresenta-se a grande questão: A Coragem e o Controle Pessoal são adquiridos com a resistência ativa ou com a resistência passiva? O ser tem que enfrentar o inimigo com todas as suas forças ou deve abandonar-se como um manso cordeiro nas mãos do adversário? A verdadeira fortaleza, aquela que dá a Coragem suprema, é a que resiste até um ponto determinado; é indispensável resistir para vencer.

Jacó luta com o Anjo Desconhecido, que é Deus, e o vence; por resistência se mantém o Universo, se defende a vida, se conservam as espécies através do tempo. Porém essa resistência da Coragem forte deve cessar exatamente quando o ser está por recolher o fruto dela.

É necessário dar um exemplo vulgar: um homem assaltado se defende, desarma o inimigo, impossibilita-o de lutar, porém não o entrega nas mãos da polícia.

É proverbial que os verdadeiros valentes, que souberam dar uma verdadeira lição a seus inimigos e perseguidores, foram, no entanto, muito nobres e generosos com os mesmos em casos extremos.

Quando o ser compreendeu que tem em suas mãos a vitória, que tem bastante coragem para enfrentar uma situação, então se abandona nos braços daquela despreocupada fortaleza, que despreza o fruto da coragem, porque conquistou a essência do mesmo.

Em resumo:

A Coragem e o Controle Pessoal são: a simplicidade da criança que não conhece o temor, a prudência do ancião que já não teme nem lhe importa o perigo, a temperança do virtuoso que despreza os excessos da vida e a fortaleza do vencedor que se colocou acima de sua própria vitória.

O EXERCÍCIO DA MEMÓRIA

Décima Ensino

A memória é a recordação vaga ou clara das coisas passadas, é a fixação mental das coisas presentes e a imaginação evidente do futuro.

Estes três tempos da memória são indispensáveis para que ela possa ser assim chamada, com propriedade.

Em geral, os homens tem um conceito muito vago do que é a memória, pois para eles é aquela faculdade mental lhes faz recordar o passado, e nada mais. Porém a verdadeira posse desta virtude implica o domínio dos três tempos.

O ser crê que conhece seu passado, porém não recorda mais que vagas sombras, cada vez mais debilitadas com o transcurso dos anos e o sobrevir de novos acontecimentos. Se se possuísse uma boa memória, o horizonte humano ampliaria notavelmente sua área de possibilidades.

Quando pequenos, quando o cérebro ainda está impregnado das energias cósmicas que se trouxe consigo do além, tem-se uma boa memória que fixa claramente os fatos e prevê, por essa claridade, o que é conveniente para a vida. Ao atingir a maturidade, a memória do homem já se debilitou e a velhice prematura acentua o esquecimento. Isto é porque os homens não possuem memória.

Para eles é o dom gratuito da mente, enquanto a memória é um campo a explorar, que se perde quando não é lavrado.

Os estudantes esotéricos não de ter uma memória tal que recordem perfeitamente o passado, tendo sempre presentes os acontecimentos fundamentais de suas vidas e têm que ter uma fixação tal dos fatos de sua vida e das obras atuais que possam, pela lógica da memória, evidenciar claramente o porvir.

Primeiro tempo: O Passado

Como há de fazer o estudante para vencer as densas sombras, os espessos véus, que lhe ocultam o passado? Ainda não se passou um dia e já foram esquecidos fatos acontecidos no transcurso desse tempo.

É que os acontecimentos passados se imprimem todos no subconsciente e são exumados pelo Centro Solar, em lugar de sê-lo pelo Centro Visual.

Em uma palavra, o homem recusa-se a pensar; deixa que sua mente subalterna pense por ele. Quando a criança observa e recorda, é tal a força que a impulsiona e que se chama curiosidade, que transplanta toda as suas energias ao Centro Hipofisiário.

Poder-se-ia sintetizar então: a falta de memória é devida à falta de interesse pela vida.

O ser se conforma com saber e recordar o necessário, o que é indispensável para suas tarefas diárias, para suas ocupações imprescindíveis, descuidando-se de tudo o mais. Por isso, tem importância tão vital o exame retrospectivo, que reordena os fatos acontecidos durante o dia, para carregá-los com a devida energia mental, indispensável para que se fixem clara, e não vagamente, no subconsciente.

Porém para adquirir uma boa memória não basta o exame retrospectivo. Um bom comerciante não se conforma com a recontagem diária de suas entradas e saídas, mas necessita um balanço anual e também um semestral.

Inácio de Loyola triunfou com esse método; com seus exercícios espirituais salvou a Igreja Católica de um desmoronamento.

Porque, o que são os exercícios espirituais, senão uma pausa no curso da vida para fazer a recontagem dos fatos passados e fixar de tal modo os pontos culminantes de modo que sejam centros vivos de energia que impulsionarão para o porvir?

Inácio de Loyola não se conformou com o exercício da recordação mental, mas queria que os fatos passados fossem escritos minuciosamente em um papel para serem melhor considerados.

Esta é uma das finalidades do retiro espiritual. Todos os estudantes teriam que afastar-se, ainda que fosse uma vez por ano, do bulício do mundo, longe dos negócios, longe dos parentes, longe de toda preocupação, para viver alguns dias de completa absorção espiritual, para poder fazer o exame retrospectivo de todo o ano e habituar a memória a fixar bem os acontecimentos mais destacados ocorridos no transcurso do mesmo.

Não disse Deus ao Salmista: “Vem à solidão e eu te falarei”?

Não se pode conseguir o desenvolvimento espiritual que tanto anseiam os estudantes, sem esforçar-se.

Ramakrishna dizia a seus discípulos externos e que viviam no mundo: “Deixai de vez em quando vossas casas e vossos trabalhos, e vinde comigo à solidão”.

A Natureza ajuda o despertar desta faculdade mental da memória, como acontece no ar rarefeito das alturas. Por algum motivo os antigos Cavaleiros construam seus castelos a mais de mil metros acima do nível do mar; e dizem os Lamas do Tibete que o ar dos Himalaias desperta a memória.

Por isso, é aconselhável fazer esses retiros, sempre que for possível, em paragens elevadas.

A aquisição das recordações passadas é tão importante, que às vezes se descobre toda uma nova missão ou soluciona-se como de relâmpago, os mais duros dilemas.

Freud, com seu estudo da psicanálise, quis curar as enfermidades fazendo que a memória buscasse no subconsciente a causa originária das mesmas.

Segundo tempo: O Presente

A fixação da ideia como fomento para a claridade da memória se consegue com o exercício da observação e da atenção.

Sempre se devem tomar exemplos de crianças; às vezes encanta e às vezes enfastia essa insistência deles em perguntar tudo, em querer saber tudo. A curiosidade infantil se transforma no memorista, em aguda observação.

Somente se observam aquelas coisas que interessam e descuida-se todo o restante; o verdadeiro observador, porém, que ter uma visão ampla e exata do que vê.

Os Mestres dão certos exercícios de propósito. Fazem que o estudante passe correndo de um aposento a outro e, em seguida, que volte e escreva em um papel o que viu. À primeira contagem, observa-se que se esqueceu a terça parte dos objetos que estão no aposento. É preciso repetir esse exercício várias vezes por dia até que, com um simples golpe de vista, se possua todo o panorama.

Também pode-se pegar um objeto, observá-lo atentamente e anotar em seguida todas as qualidades inerentes ao mesmo; ver-se-á a princípio que muito poucas qualidades são atribuídas ao mesmo, porém, com o passar dos dias, ir-se-ão acrescentando tantas que surpreenderá.

Estes exercícios de observação despertam de tal modo a atenção que o estudante, sem perder muito tempo, adquire grande conhecimento e exatidão das coisas e vê, sem empregar muito tempo, que enriquece seu armazém de memória.

Um Ensinante religioso mandou que um estudante distraído ficasse de pé diante de uma cortina branca, dizendo-lhe: “Olhe o que tem a cortina e depois venha contar-me”; o jovem olhou e nada viu além do cortinado branco, mas depois de haver voltado e dito ao Mestre que nada havia visto, este o conduziu ante a cortina e fez-lhe notar como a traça a havia corroído formando nela vários desenhos. “Como o senhor descobriu?”, perguntou o estudante. “Observando de modo simples e com atenção o que tinha diante de meus olhos”, respondeu o Mestre.

Terceiro tempo: O Futuro

Esta memória clara, fixa e construtiva é, evidentemente espelho do futuro. Para uma pessoa esquecida, que vive no semi-sono da vida material, é muito difícil construir seu futuro quando tão facilmente esqueceu seu passado. Porém aquele que recorda conhece muito bem o resultado da Obra.

Um rei hindu foi visitar um solitário Iogue que vivia na selva, só com a companhia de sua gazela; antes que o rei falasse, este disse-lhe: “Tu vens dizer-me que teu povo se amotinou contra ti porque faz três anos que há fome e seca em tua terra”. “Como sabes?” perguntou o príncipe. “Sei, respondeu o sábio, unicamente pelo que tu me disseste quando me visitaste há três anos; havias tido três anos bons e disseste que irias realizar grandes festas e abrir os celeiros ao povo. Ao recordar esse esbanjamento e ver as estações sem água que desde então se sucederam, deduzi o que ocorreu recentemente.”

É aqui muito importante fazer uma observação:

Sempre se diz nas Ensinanças que é preciso esquecer o passado, apagar o passado; porém, nesta questão de apagar o passado por um lado, e recordar o passado, como reza esta lição, existe um delicado matiz espiritual.

Quando se aconselha esquecer o passado, a Ensinança quer expressar que o homem deve desprender-se dos laços, esquecer as emoções, para não repeti-los; apagar as imagens para não viver atado a elas. Quando se ensina que se deve recordar o passado, significa que se deve recordá-lo como algo que não é do ser, algo que é propriedade exclusiva do conhecimento e que se observa e conhece para gozar unicamente do fruto do saber.

Aquele que bem recorda, bem sabe. O que não sabe o aprende facilmente e o que aprende facilmente, utiliza-o para a construção do futuro.

O AMOR REAL

Décima Primeira Ensinança

Embora a palavra amor esteja em todos os lábios, seja pronunciada em todos os idiomas e seja expresse em todas as formas, muito poucos saberiam dar uma definição exata do amor.

É que o amor, para muitos, não tem definição porque é a Essência Divina da vida.

Por toda parte, em todo momento, subjaz este divino elemento, como a levedura na massa, como o sal no alimento. Brota por toda parte, inadvertidamente, com um súbito resplendor, que parece um relâmpago em noite de tormenta.

Pelo amor se movem os astros e as cadeias planetárias; pelo mesmo amor, a flor do campo mostra sua corola nas manhãs de primavera. Ninguém pode escapar ao feitiço desta secreta virtude que é, de uma forma ou de outra, a aspiração de todas as formas criadas.

Porém, quem pode falar de amor? Que palavras são dignas de expressar tão excelente qualidade? Qualquer frase se torna mortífera diante da magnitude deste fermento de vida. Só se sabe que há amores e amores.

Apesar de formas e matizes tão diferentes, impossíveis de enumerar, todos os sábios e clarividentes foram unânimes em declarar que são doze os diferentes raios do amor.

A Roda do coração tem doze raios resplandecentes, seguramente para indicar estas doze tonalidades.

Em um antigo texto rosacruz, não conhecido por nenhum homem fora dos sete que constituem a Sagrada Fraternidade, faz-se corresponder estas doze tonalidades de amor às figuras representadas no quadro “A Última Ceia” de Leonardo da Vinci. Diz o texto que a Comunhão representa o Amor Divino, o ponto central, que se entrega aos homens e que na face, no modo de vestir e na expressão de cada um dos doze discípulos estão divididas as doze fases do amor, desde o apaixonado e criminoso de Judas Iscariotes, até o suavíssimo de João Evangelista, que descansa sua cabeça sobre o peito de Jesus. Diz ainda o texto que da Vinci, propositadamente, não terminou o rosto do Salvador, porque como expressava o Supremo Amor, não podia ter traços definidos.

OS DOZE RAIOS DO AMOR

Décima Segunda Ensinança

O primeiro raio do amor é aquele instinto animal que impulsiona à conservação das espécies; em ritmo louco, através dos tempos, lutando, matando e mesmo sucumbindo por esse intenso desejo de conservação, saem triunfantes os diversos tipos de animais e de raças humanas. É como um

redemoinho que começando com um curto vórtice, transforma-se numa imensa tromba que absorve e absorve, irremediavelmente.

Tudo perece; porém a carne luta encarniçadamente, até o último alento, por sua conservação. Assim, com este magnífico e inconsciente desejo de ser, mantêm-se os milhares e milhares de astros que povoam o espaço, indo todos, irremediavelmente, atrás do oculto ímã que os mantém em movimento: o amor.

Porém, no segundo raio do amor, esse desejo de ser adquire, mediante a defesa, a autoconsciência do que é; e esta defesa amorosa se estende ao limite do que abarca a necessidade do defensor: a si mesmo, à prole, ao alimento e às demais coisas indispensáveis para a vida.

Pela defesa se formaram as famílias, os clãs, as nações, os códigos e também as sociedades de proteção e ajuda mútua. Este amor defensivo subconsciente lançou raízes tão poderosas nos seres humanos que agora, que quase já não lhes é necessário, não podem desprender-se dele e é causa de ruína, de destruição e de morte.

O homem, ao sentir-se relativamente seguro no ambiente de defesa que havia criado, começou a dedicar seu amor animal ao terceiro raio do amor, a seu corpo.

É algo indefinido, misterioso e sutil o amor ao próprio corpo.

Desde que a criança se vê refletida na água da fonte ou no espelho de sua casa, nasce este estremecimento raro, às vezes subconscientemente vergonhoso, de autoatração. É como se encontrasse alguém que não é ele mesmo e que, no entanto, buscou por toda sua vida; é uma mórbida satisfação, um descenso definitivo à matéria.

Este amor se torna, com o tempo, cada vez mais forte e egoísta, especialmente para aqueles que não encontram outra orientação em sua vida, constituindo uma obsessão, o temor contínuo de que o corpo não esteja bem cuidado, regalado, mimado; tudo é pouco para o próprio corpo, tudo é insuficiente, porque esse amor cego o impulsiona e escraviza, prende o ser cada vez mais à sua carne.

E o que se pode esperar de tanto amor ao corpo a não ser a entrada no quarto raio de amor, que proporciona ao corpo todos os prazeres animais da vida, esses prazeres animais que não admitem a felicidade e a cooperação de outros, mas unicamente a satisfação do próprio deleite?

Mesmo entre homens já civilizados se apresentam estes curiosos aspectos de amor; homens que não podem pensar em vivificar o prazer alheio mas que pensam unicamente em saciar seus próprios apetites.

Todos estes aspectos do amor animal têm uma grande importância para conservar as espécies vegetais e animais, tão indispensáveis para a vida do homem; porém para o ser humano, que tem livre arbítrio e pensamento, estes tipos de amor, em lugar de elevá-lo rumo ao Divino, arrastam-no fortemente para a vida animal e inferior.

O quinto raio do amor já é humano; ele impulsiona o ser a sentir por outros o que sente por si mesmo. Admite que o seu prazer possa ser o prazer de outro, que a sua felicidade possa ser a felicidade de outro, e comprova que não é somente ele quem sente, sofre e ama, mas que há outros seres que experimentam essas mesmas sensações.

Por isso, busca a expansão, a comunicação, o afeto recíproco.

Quando o ser goza, subconscientemente goza mais, porque sabe que seu prazer é herança de toda sua espécie e chega, por este meio, a respeitar seus semelhantes, a compreender suas necessidades fisiológicas, a ampará-los e a protegê-los.

No sexto raio do amor, o amor humano se faz atrativo.

Descreveu-o Dante com palavras impossíveis de superar: "Amor che a nullo amato, amar perdona.", que quer dizer que o amor exige amor.

O amante quer o prazer para si e para o ser amado. Embora o círculo de seus afetos seja muito reduzido, às vezes tão reduzido que abarca uma só pessoa, é, no entanto, tudo para ele; por esse amor luta, trabalha, sofre e sabe até morrer. Não pode tolerar que alguém lhe tire seu afeto e, às vezes, quando desaparece esse afeto, entrega-se ao desespero, odeia e mata.

No sétimo raio, o amor humano se estende desde uma pessoa até várias, até toda uma coletividade.

É o amor humano que busca horizontes mais amplos, que quer se transformar em um Amor Real; em uma palavra, não quer morrer, porque começa a compreender esse antigo ditado: "o amor que morreu não era amor".

Ama seus filhos, fruto de seu prazer; sabe que os afetos precedentes da forma atrativa, que têm que terminar cedo ou tarde, sobreviverão em sua prole, irão se estendendo cada vez mais, pelas gerações, por aquele fio indestrutível da herança dos tipos de sangue.

O oitavo raio torna compassivo o amor humano; o ser sofre pelos padecimentos alheios e deseja que seu bem-estar seja o bem-estar de todo seu povo.

Embora queira, acima de tudo, o bem-estar para si mesmo, admite a necessidade do bem-estar para os outros. Protege os que inspiram simpatia, ajuda os de sua raça, favorece os que o louvam; e, embora não perdoe os que estão contra ele, faz todo bem que pode, sempre que redunde em sua própria satisfação e em benefício de seu amor próprio.

Porém o amor humano, relativo como todas as coisas que têm forma, não é o Amor Real. Unicamente o Amor Divino é Amor Real.

O nono raio do amor é divino, porque aquele que ama, ama por amar, dá por dar, sem esperar recompensa.

Como se pode fazer distinção entre um homem e outro, se todos saíram da mesma Essência Divina e todos terão que voltar a Ela? Que importa não ser correspondido, não receber a chama do ser amado, se toda a Chama está nas mãos do Verdadeiro Amante?

Dizem os verdadeiros devotos que estão loucos de amor por Deus e por toda a humanidade.

Passa-se aqui ao décimo raio do amor.

Se o Amor Divino é tão extenso e sublime que tudo abarca sem pedir nada, quão maravilhoso será este amor quando é focalizado em algumas das criaturas que o rodeiam.

Unicamente um ser assim pode conhecer a verdadeira amizade. É uma pena que esta bela palavra tenha sido tão desvirtuada pelos que a usam, pois a verdadeira amizade é o amor, que goza unicamente em ver feliz o ser amado, mesmo que às custas de seu sacrifício.

Houve um estudante que, quando ingressou na vida espiritual, foi distinguido pelo seu Mestre de modo particular. Este, muitas vezes, chamava-o a seu lado para falar-lhe de coisas espirituais e do Amor Divino; muitas vezes se fazia acompanhar por ele em seus passeios e parecia ao discípulo que sua alma estava abrigada sob a do Mestre. Porém, um dia, o Mestre não voltou a chamá-lo e quando o encontrava, saudava-o sem particularidades. Desesperado, o estudante foi, um dia, lançar-se a seus pés para saber em que culpa havia incorrido para ser afastado de tal modo; o Mestre lhe respondeu: "Meu amor por ti é tão grande hoje como ontem; ou melhor, é daqueles que cada vez se tornam mais fortes; mas esse amor seria imperfeito se buscássemos nossa satisfação pessoal; antes eras pequeno, necessitavas de minha palavra e de minha presença; hoje, que criastes asas, tens que valer-te por ti mesmo; o contato comigo ser-te-ia mais prejudicial que útil. Vai e aprende que o verdadeiro amor não

é o dos homens, que diz: “longe dos olhos, longe do coração”, mas é aquele sempre invariável, de longe e de perto, na vida e na morte.”

No décimo primeiro raio, o Amor Divino se torna extático.

Não há medida entre um amor e outro, entre uma forma e outra.

Qualquer expressão de amor, mesmo a menor, mesmo a mais insignificante, acende tal chama no peito, que funde a alma no Amor Divino pelo Êxtase.

A beleza do céu e de uma ave voando fez cair em êxtase o pequeno Ramakrishna.

Uma criança que passava pela rua lembrou a São João da Cruz a beleza do menino Jesus, e fez com que ele caísse num êxtase de amor tão grande, que seu rosto se incendiou como se estivesse em chamas.

O décimo segundo raio do Amor Divino restitui a alma extática, pelo caminho do coração ou pelo caminho da mente, àquela Fonte Primeira e Universal de onde brotou a primeira expressão de vida, impulsionada pelo Eterno Amor.

Ali é onde o Amor Real se funde de tal modo com a Divindade, que é difícil assinalar o limite entre o Manifestado e o Imanifestado.

Porém mesmo aqui, nestas sublimes alturas, pode-se recordar as palavras do filósofo hindu que disse: “O amor é o princípio e o fim do Caminho”.

A PERSEVERANÇA

Décima Terceira Ensinança

Todas as virtudes até agora enumeradas são indispensáveis, porém, para que tenham uma vida eficiente, devem estar baseadas sobre os fortes pilares angulares da Perseverança.

Conta uma lenda que Deus mandou um Anjo à Terra para que batizasse com um nome cada uma das espécies de flores. Não se esqueceu de nenhuma; as mais belas, adornou com nomes pomposos e as mais humildes, com nomes suaves. Não se esqueceu de nenhuma, segundo ele acreditava, já que até à violeta, que permanecia escondida sob espessa folhagem, deu nome; porém havia uma flor terna, pequena, quase invisível, que havia sido esquecida e esperava pacientemente que chegasse a sua vez. Quando o Anjo de Deus já estava por elevar-se aos céus e todas as outras acreditavam que a florzinha ficaria sem nome, esta, que havia perseverado em sua espera, levantou sua voz e disse: “Não te esqueças de mim”. O Anjo ouviu a voz da perseverante flor e voltando-se, disse-lhe: “Tu mesma escolheste teu nome, chamar-te-ás ‘Não me esqueças’ ”.

Igualmente, a Perseverança se distingue entre todas as virtudes por sua própria característica, por sua própria expressão, que jamais desmente o dito, que jamais volta sobre o caminho percorrido, que jamais se arrepende e que sempre, fervorosamente, espera.

As virtudes humanas são como a estátua bíblica: cabeça de ouro, peito de bronze e pés de barro. Porém a virtude real, a que se assenta sobre a Perseverança, ainda que às vezes não seja tão aparente, tem cabeça de barro e pés de ouro.

Quando se lançam os alicerces de um edifício espiritual, para que este seja como um castelo sobre a rocha que nem o vento move, nem a água danifica, nem o tempo destrói, deve estar fundamentado sobre os cinco pilares angulares da Perseverança.

Primeiro Ângulo: A Paciência

Pela paciência o homem se faz constante, pela paciência abre-se a porta de ouro para os mundos superiores, pela paciência vence-se o inimigo mais acérrimo.

Todas as manhãs, uma anciã acudia à porta do Palácio Real para implorar clemência para um filho seu, encarcerado. O rei passava e a olhava, desdenhosamente, sem escutar suas súplicas; os porteiros e serventes desiludiam a anciã, dizendo-lhe: "É inútil que venhas, não conseguirás nada". Porém um dia o coração do rei se abrandou, pois estava em um de seus bons momentos; escutou a anciã e libertou seu filho. A paciência venceu.

Vinte anos Mônica chorou, pedindo a conversão de seu filho Agostinho ao cristianismo, tanto, que dois sulcos profundos ficaram estampados em suas faces; porém, no fim, ganhou. Um bispo soube da conversão de Agostinho e exclamou: "Não podia ser que não se salvasse o filho de tantas lágrimas e de tanta paciência".

Na vida espiritual e no desenvolvimento psíquico, a paciência é indispensável. Quantos começam com muito entusiasmo e porque não veem logo em seguida o resultado de seus esforços, abandonam a Senda!

A natureza humana, tão endurecida pelo hábito, precisa de longos anos para amoldar-se e ativar os centros necessários para a vida psíquica e unicamente com uma paciente Perseverança consegue ter êxito.

Perguntaram a um sábio da Índia como havia conseguido imobilizar completamente seu braço direito; ele respondeu: "Com o esforço contínuo de vinte e cinco anos".

Segundo Ângulo: A Fé

A fé é aquela segurança nas coisas invisíveis, que não se veem mas que se pressentem a cada instante. Ela é indispensável para alcançar a Perseverança.

Não se fala agora dessa fé instintiva, que prende terrivelmente às coisas adoradas ou nas quais se acredita, mas daquela compreensão que dá como certas as coisas que não se veem.

Quem pode afirmar que a carne que se traz de manhã é sã e inócua? Ninguém pode assegurá-lo, senão a fé social e coletiva.

Quem pode provar as coisas que não se veem, nas quais, no entanto se crê, sem esta fé racional?

Porém a cada momento os pobres homens, que creem cegamente no padeiro que lhes traz o pão, na água corrente proporcionadas pelas Obras de Salubridade, na moeda de papel que lhes dispensa a Nação, duvidam das palavras dos Mestres e daqueles que já percorreram praticamente a Senda que eles percorrem teoricamente.

Quando um Sannyâsî quer ser admitido à companhia de um Guru, a primeira coisa que se lhe exige é obediência absoluta; e essa obediência absoluta é indispensável para conseguir ter fé nas coisas reais, porém não vistas.

Se um estudante, de qualquer universidade, tivesse praticamente em sua mãos, desde o primeiro momento, toda a ciência que quer aprender, não poderia abarcar com sua inteligência e de um só golpe tudo o que teria ante seus olhos. É necessário que estude e saiba por fé o que amanhã poderá conseguir na prática.

O discípulo que não assenta suas bases sobre essa fé perseverante é como um glutão que quer comer em um dia as provisões de um mês, e morre de indigestão.

Terceiro Ângulo: A Esperança

A esperança não é aquela virtude de abandonar-se à miséria, ao desespero, às tristezas morais, dizendo que um dia isso mudará. A esperança é, em troca, aquela virtude daquele que espera, em um momento determinado, na hora adequada, a realização em si mesmo do Plano Divino; e é o mais forte sustento da Perseverança.

Esperam perseverantemente aqueles seres que chegaram à meta sem alterar-se, sem apressar-se, porque sabem que todos chegarão um dia.

Os discípulos esperam pacientemente que passem os anos das provas para que cheguem os anos de liberação. Esperam pacientemente que os anos passem, o tempo voe, para que se cumpram as Promessas Divinas da Unificação das almas.

Quarto Ângulo: O Discernimento

Perseverar é ter tempo para todas as coisas.

O ser que troca muitos ideais, que experimenta muitos caminhos, gasta seu tempo e suas energias sem conseguir deter-se nunca, sem ter tempo para nada.

Porém aquele que persevera em sua fé, aquele que segue constantemente pela Senda traçada, tem tempo para analisar as coisas, discernir as coisas, porque o discernimento é aquele êxtase, tributo da Perseverança, que faz gostar das coisas em seus três aspectos: físico, mental e espiritual.

Quinto Ângulo: A Resignação

Uma Perseverança perfeita e completa é resignadamente varonil.

Aceita todas as coisas de acordo com a Vontade Divina, amolda-se em todas as formas e todos os aspectos; porém é, em resumo, por assim dizer, a coroa desta virtude.

Quando o homem vive pacientemente, crê sinceramente, espera serenamente, discerne claramente e toma seu destino resignadamente das mãos de Deus, chegou à virtude da Perseverança.

CONSCIÊNCIA E VONTADE

Décima Quarta Ensinança

O movimento universal oscila continuamente entre uma força que impulsiona à criação e à atividade, e outra que atrai à aniquilação e ao relaxamento.

Estes dois grandes movimentos cósmicos são: Consciência e Vontade.

Poder-se-ia definir a Consciência dizendo que é a amplificação do ser desde o átomo até a Macrodivindade, e a Vontade, dizendo que é a força universal concretizada no ser.

Primeiro Movimento: A Consciência

Esta passividade cósmica que, como uma mãe longe de seu filho, chama desde o Infinito o fruto de suas entranhas para que se restitua ao Grande Depósito Cósmico, manifesta-se na vida com a consciência inerte dos elementos; e esse lentíssimo progresso, essa morosa evolução dos minerais e dos mundos é como uma luta passiva das mônadas para não seguir adiante e regressar ao ponto de partida.

É como se a consciência do que é se negasse a devenir.

É como se o amplíssimo círculo se esforçasse por não ser reduzido do Círculo Eterno ao círculo pessoal.

Este conceito de Eternidade, este sentido de imensidão, não podem ser apagados, mesmo através do descida; e o ser, embora encerrado no cárcere profundo de sua mente consciente, conserva este princípio ignoto, este Tabernáculo Sagrado, do que poderia ser em essência antes que em potência, e que os homens chamam, vagamente, consciência.

Sem dúvida, a consciência aqui, não é mais que um distante lampejo desse poder oculto passivo que há de restituir a alma a sua prístina essência.

Diz-se que a consciência é aquele conceito de bem relacionado com os costumes, leis e ética dos homens. Porém, definitivamente, se o homem analisasse bem esta questão, veria que a consciência não é o bem relacionado com sua vida exterior, mas a essência do bem, relacionada com seu grau de evolução.

Quando a consciência se abre ao influxo do espírito, amplifica-se então até o Infinito, pois ela é aquela virtude que rompe os laços e, como um mar transbordante, vence todos os limites, preenche todos os rios e espaços, e restitui a alma libertada ali, naquele nó górdio e vital que é a harmonia entre o Espírito Eterno e a alma que sabe o que é e quem é.

Segundo Movimento: A Vontade

Dizem os textos que por um ato de pura Vontade foram criados os mundo e os sistemas planetários; e dizem bem, porque a Vontade é a energia cósmica condensada sobre um ponto determinado.

No fantástico descenso das almas, desde o Infinito ao finito, é uma forte, única e inquebrantável Vontade a que atrai todos os seres desde o sem círculo ao reduzidíssimo círculo da vida.

E esta Vontade faz de cada átomo um ser, de cada molécula um ente diferente dos demais, de cada ente uma personalidade, um mundo à parte, uma potência separada e diferente de todas as outras potências.

Na ascensão dos seres rumo a conquista da liberação consciente, sempre é a Vontade que desempenha um papel importantíssimo.

Assim como a Consciência amplifica, a Vontade reduz; porém, ao reduzir, dá a arma do poder.

Aquele ente que saiu do Seio Eterno, inconsciente, será restituído à Eternidade sem perder jamais aquele princípio de consciência e potência, diferente de todas as outras potências, que adquiriu através de sua peregrinação pelos mundos.

Enquanto isso, o poder, a ígnea espada, o sagrado poder de Kundalini, está ali, imóvel, esperando que a Vontade a tome em suas mãos para dominar e ser soberano absoluto.

Porque a Vontade é a essência em si de cada uma das personalidades dos seres, completamente diferente de todas as outras; e até que o homem não saiba usá-la, não conseguirá a suprema realização, porque os homens sabem que a Vontade é algo que impulsiona a fazer o que às vezes parece impossível, porém não sabem que, para ter efeito, este impulso deve ser o próprio e não o alheio.

Os homens não possuem a Vontade, embora a conheçam, porque buscam em fontes alheias. Em uma palavra, creem que a Vontade é fazer o que o outro quer, o que o outro gosta, o que o outro ensinou, o que o outro disse.

Como o homem é mentalmente escravo e toma, às cegas, a vontade alheia como própria, não consegue o triunfo, porque a Vontade é aquela amante fiel que escuta unicamente o chamado de seu legítimo esposo.

Prove o homem querer o que ele quer, buscar, não o que as emaranhadas ideias alheias formaram em sua mente, mas o que é sua inclinação natural, mental e espiritual, e verá como a mente responde ao chamado da Vontade e como a Vontade levanta aquele estranho poder pessoal, que é a potência do ser em si.

Assim fez Deus o Universo, manifestando sua Própria, Única e Absoluta Vontade.

O DOM DO ESQUECIMENTO

Décima Quinta Ensinança

Em um ponto determinado da Senda, o discípulo fica perplexo diante de um novo aforismo: “A alma, como gota de água em um imenso mar, há de submergir-se no mar do esquecimento para viver a hora eterna”.

Porém duas perguntas, imperiosas, acodem à mente: não é acaso necessário recordar o passado para vivificar a mente, para embelezar a lembrança, para conhecer-se a si mesmo? E não se ensinou, com continuados exercícios retrospectivos, como buscar o próprio passado e procurar descobrir aquele fio perdido das existências anteriores?

Sim, porém o Esquecimento de que fala esta Ensinança nada tem a ver com a recordação vívida de fatos passados.

O dom do Esquecimento é a graça espontânea, concedida à alma, do desapego das coisas passadas e dos sentimentos que serviram de base para a experiência, agora já inútil.

A recordação, segundo a Ensinança, é da mente; o Esquecimento é do coração.

Somente um coração que esqueceu e apagou o vulcão das paixões pode recordar serenamente. Quando já não há carvões acesos sob as cinzas, conquistou-se o Esquecimento.

Com quão sábia previsão a Lei Eterna encobre o passado do homem com o manto do Esquecimento! E por que o faz, senão para cortar os sentimentos do passado, para romper em parte as correntes fundamentais da lei de causa e efeito?

Recordar os momentos passados da vida com clareza mental é analisar os fatos e utilizá-los como meios de bem para o porvir; porém sentir os fatos passados é prender-se a eles, é voltar a sofrer o sofrido, a amar o amado, a desejar o desejado, a viver o morto.

Aquele que se desapegou das coisas de ontem, somente esse, pode dizer que esqueceu; vive a felicidade da hora presente, da Hora Eterna.

Milhares de fantasmas, criados por afetos e pensamentos, seguem o homem, não como ideias claras mas como vagas reminiscências que continuamente o impulsionam a viver o passado. O dom do Esquecimento consiste em matar essas larvas; se a mente as sabe conhecer, o coração as sabe desterrar.

Disse um Mestre que quando uma alma esqueceu todo o seu passado ficam instantaneamente rompidos os laços do Carma e ela pode submergir-se, de imediato, no Oceano da Divindade Indiferenciada.

Deixe o estudante de choramingar por seu passado, de reprovar-se pelo que fez e pelo que não fez, de recordar os inconvenientes e obstáculos no caminho, pois só uma coisa vale: ter limpo o coração; um coração limpo é como o sorriso de uma criança que não sabe nada fora do objeto que o causa.

Deixe o discípulo a pesada carga da bolsa de pão do pobre para transformar-se em um ser novo, carne de sua carne e sangue de seu sangue, expressão da Fonte Eterna, que é o sem tempo no espaço e o momento atual na alma do ser.

As recordações nítidas do passado nada têm a ver com determinado ser, pois pertencem ao Depósito Cósmico, ao livro instrutor da vida, ao passado que não é do próprio ser mas de todos os seres.

Unicamente assim tem o discípulo direito a recordar. Porém o passado do ser, aquele que levanta torvelinhos de recordações emotivas e passionais, deve ser extirpado do coração.

Quão maravilhosa, quão grande, quão absorvente é esta hora que revela ao coração do Adepto esta magna verdade!

A TRANSMUTAÇÃO

Décima Sexta Ensino

Quando o ser cruza o círculo humano, recebe das mãos da Fada Natureza o dom de usar espontaneamente seu sexo.

Os animais estão sujeitos às épocas, aos períodos de cio e às combinações instintivas e alternativas do macho e da fêmea, enquanto que o homem normal e em condições sãs pode usar o ato de reprodução quando o crer conveniente e necessário, segundo seu instinto e razão.

Os órgãos genitais, masculinos e femininos, como o Universo em sua forma expansiva e construtiva, são a imagem diminuta das palpitantes forças cósmicas.

Verdadeiros instrumentos divinos confiados às mãos dos homens para ser a fonte da existência e não só da existência, mas também da renovação constante da vida, o homem crê que estes instrumentos só lhe foram dados para procriar e gozar. Mas não é assim, porque além dessas, têm outra função interna: a de irrigar o sangue com uma linfa maravilhosa para renovar continuamente a existência.

Não faz muitos anos, a ciência também compreendeu esta magna verdade, porém ainda falta-lhe descobrir o verdadeiro sentido da Transmutação sexual, que não é só a irrigação benéfica do sangue, mas também um tônico psíquico para a mente e a alma.

Os testículos proporcionam o sêmen e os ovários são receptáculos do óvulo, porém ambos têm também as glândulas intersticiais que desempenham uma função de secreção interna. Esta função intersticial, generativa e vitalizadora, transforma-se em força psíquica pela Transmutação, quando intervém a mente, concentrada sobre dita função, pois a mente é o fator primário da mesma.

Há seis formas diferentes de Transmutação:

A primeira forma é a natural, que a mente efetua subconscientemente, especialmente nos anos de puberdade. A secreção interna, então, é tão abundante que a mente, instintivamente, se vê obrigada a distribuí-la pelo corpo e transforma o excedente em força psíquica.

Isso acontece não só nos períodos críticos, mas todas as vezes em que há superabundância dessa.

A segunda forma é a aberrativa.

Certos seres, por um contínuo abuso sexual, chegam a um estado de insatisfação. Esta insatisfação leva a buscar meios de um refinamento tal, que conduzem a mente a concentrar-se

fortemente sobre o objeto, fomentando assim a Transmutação, levando a um estado de torpe psiquismo e impulsiona ao uso de estupefacientes.

Sobre esta prática de Transmutação estava baseada toda a magia sexual da Idade Média. A famosa reunião sabática das bruxas, que fez arder por muitos séculos a fogueira da Inquisição, não era mais que uma aberração sexual que produzia uma transmutação psíquica. Durante o êxtase espasmódico, a mente, que era o fator que mais trabalhava, levantava forças psíquicas. Passado o espasmo, o sujeito caía em estado de torpor, depois em sono profundo e gastava depois as reservas feitas, forjando as imagens desejadas.

A terceira forma é a conjugal.

Todas as religiões santificaram o matrimônio para que o ato sexual se transforme em um ato de culto, em um ato mental.

O objetivo fixado de cumprir com a lei de geração e com o mandato do matrimônio chegou a produzir, em certos casos místicos, verdadeiras Transmutações, porque o sêmen, que vai sempre acompanhado de carga psíquica, pelo efeito da vontade era lançado solitário, sendo toda a energia transportada ao cérebro.

Daí o valor do matrimônio religioso.

A quarta forma é a virginal.

Quando o corpo não provou, de nenhum modo, os efeitos do prazer sexual, as forças sexuais dos testículos ou dos ovários paulatinamente se concentram sobre as células intersticiais e, embora depois de muitos anos, torna-se efetiva a Transmutação,.

A força mental destes seres se torna extraordinária; foram eles os pilares, sempre, de toda religião ou de Instituições Filosóficas ou Espiritualistas.

Santo Ambrósio, bispo de Milão, que foi um enamorado da virgindade e conquistou muitas donzelas para o claustro, não se cansava de repetir: a força da Igreja Cristã está assentada sobre a virgindade.

A quinta forma é a dos celibatários.

Muitos seres, em determinado período da vida, sentem a necessidade de renunciar aos gozos materiais para gozar das puras satisfações da alma.

Há celibato continuado e celibato periódico.

Todo homem ou mulher que segue a Senda espiritual teria que fazer sua quarentena anual de celibato.

Na Índia, em uma certa idade, o celibato é obrigatório, imposto pela lei de Manu.

A ausência do prazer conhecido e o esforço para vencê-lo tornam possível a Transmutação.

A sexta forma é a psíquica.

Já foi dito que o sêmen sempre vai carregado com uma força material, psíquica e mental.

Uma vontade forte e educada, que conheça o uso sexual e conheça a satisfação da renúncia, pode separar por completo essas três forças; e ainda quando expulse o sêmen ao exterior, envia a energia ao sangue e a matéria mental ao cérebro.

Por enquanto dita prática não é aconselhável, pois os exercícios para alcançar tal domínio estão reservados para cursos superiores.